

Ninguém nasce sabendo

Crônicas sobre
a educação no século 21

Anna Veronica Mautner



NINGUÉM NASCE SABENDO
Crônicas sobre a educação no século 21
Copyright © 2013 by Anna Veronica Mautner
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Saete Del Guerra**
Ilustração de capa: **Andrés Sandoval**
Finalização de capa: **Spress**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
A escola hoje	
<i>Bullying</i> – A revolta dos injustiçados	14
Chega de ser trouxa	16
Em defesa do período integral	18
Errar é mesmo humano?	20
A escola moderna e a escola à antiga	23
A escola mudou	26
Lição de casa: sinônimo de solidão	29
Matemática de novo	31
Que escola ensina melhor?	34
Questão de preferência	37
Reunião como ponto de venda	40
Seminário é bom para quem?	43
O papel do professor	
Aprender	46
Ensino e simpatia	49
Educar é frustrar	52
O professor na berlinda	54
Quem ensina a alfabetizar?	58
Reprovação	61
Senta e estuda	64
Corpo e sociedade	
Cadê o trabalho manual?	68

Escolas... como serão?	72
Mão: cada vez menos útil, porém necessária	75
Rabiscar para inovar	78
Sem gênero	81
Terapia ocupacional na escola	86

Família e escola

Aprendizado	90
Autoridade	93
Do banal ao especial	96
Família <i>versus</i> escola	100

Informação, tecnologia e comunicação

Dizer, não ouvir, repetir...	104
Do <i>mouse</i> ao rascunho	107
Escola paraíso	109
A gripe e a educação <i>online</i>	112
Saber virou dever	115
Transmissão de cultura	118
Vivência real	122

Infância e adolescência

À margem da escola	128
Adaptação	131
Brincar e fazer de conta	134
Primeiro ano primário	137

Depois da escola

Criando um indivíduo para o mundo	142
Eis o homem. Qual?	145
O mundo muda e viver continua sendo difícil	148
Pela cultura do aprendiz	150

Prefácio

As crônicas aqui presentes estão reunidas por dois traços comuns: do ponto de vista do conteúdo, o estabelecimento de contrastes entre o novo e o antigo; do ponto de vista do estilo, o uso de frases assertivas, intercaladas por perguntas. O realce de um ou outro desses traços pode proporcionar dois tipos de leitura.

Por um lado, uma leitura mais ligeira tende a acentuar as tomadas de posição, isto é, as afirmações mais fortes, encontrando nestas crônicas, principalmente, a defesa do “antigo” e a denúncia do “novo”. Ordem, disciplina, bons modos, compostura, tradição, autoridade, hierarquia são necessários à educação; desnecessário é tudo que esbarra no “falso democratismo”; necessária é a aquisição dos “instrumentos básicos” – ler, escrever, contar; necessárias são as “ceticismos de antigamente” – cópia, ditado, descrição. Um ângulo austero, quase conservador, portanto. Ele é reforçado pelo uso frequente de um vocabulário nada brando: treinamentos e exercí-

cios, preparação e instrumentação, prática e esforço são sustentáculos de uma sólida educação.

Por outro lado, uma leitura mais atenta mostrará que nada é tão simples assim. Sombreando a clareza das afirmações, insinuam-se dúvidas, flexionam-se certezas, abrem-se alternativas, sugere-se o novo. Nascem perguntas. A seleção de algumas passagens, colhidas aqui e ali ao longo dos textos, ilustra melhor do que qualquer comentário:

- “Visão pessimista, dirão os leitores. Não. Creio na mudança.”
- “Inovar significa caminhar em terrenos desconhecidos.”
- “Peço colaboração. Mandem ideias.”
- “Diante da máquina, a máquina é o limite. Perante nossa competência, do rabisco em diante, o céu é o limite.”
- “A liberdade lúdica é o espaço em que ocorre o teste de si próprio.”
- “Aquele que pode refletir, mudar de ideia, de interesse, de atividade é um indivíduo livre.”

Desse ponto de vista, não é surpreendente que títulos de muitos textos tenham a forma de pergunta ou que alguns deles se iniciem ou se concluam com uma interrogação. E que, no meio deles, perguntas incidam sobre frases afirmativas:

- “Será que a mudança foi boa?”
- “E dizem que criatividade e capricho não casam. Quem prova isso?”
- “Que humanidade nascerá da vitória do indicador?”
- “Estou defendendo o fim da escola? Não. Estou defendendo formas livres de aprender.”
- “Onde é que os mestres aprendem a alfabetizar?”
- “[...] que homem queremos formar? [...] e como se forma o homem que pensa?”

Se fizermos uma conjunção dos dois traços que marcam a variedade dos escritos e dos dois modos de leitura a que dão lugar, compreenderemos quanto é expressiva a reunião de pares “opostos” presentes nos vários textos: *liberdade e interdição; silêncio e ruído; informação e afeto; criatividade e capricho; esforço e prazer; corpo e máquina; indicador* (que clica o teclado da máquina) e *polegar* (que pega, pinça, dobra); *virilidade e doçura; suavidade e força; rigidez e flexibilidade; adaptação e transgressão*.

Compreenderemos mais. Se vasculharmos esta obra, procurando por duas ou três palavras menos recorrentes, talvez, mas capazes de constituir seu eixo, encontraremos: *impasse; encruzilhada; paradoxo*. São termos que apontam tensões ou uma confluência de alternativas. Não sugerem saídas. Assim como o mistério,

que se acata mas não se decifra, também aqui não se trata de resolver impasses, evitar encruzilhadas, dissolver paradoxos, pois eles pertencem ao dia a dia da vida. Trata-se, antes, de acolhê-los, conviver com eles e descobrir uma alegria nesse convívio. Ou, se quisermos, trata-se de um convite para celebrar, na educação como na vida, certa *liturgia* do cotidiano. Concluamos com mais um fragmento das palavras de Anna Veronica Mautner: “Uma vida feita só de ‘prazer’ é difícil, se não impossível. Mas pensar em melhorar nos leva a manter um fundo prazeroso que nos faz transmitir aos que nos seguem uma sabedoria de bem viver, não só de sobreviver”.

SALMA TANNUS MUCHAIL

Professora titular do Departamento de Filosofia da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora
emérita da mesma instituição

Apresentação

Não é nada simples organizar um livro escrito por Anna Veronica Mautner.

À primeira vista, deveria ser fácil separar os textos – originalmente publicados na revista *Profissão Mestre* e no caderno Equilíbrio, da *Folha de S.Paulo* – por temas e então organizá-los em blocos. Porém, quando se mergulha nos escritos dessa mulher sábia e provocadora, se percebe que cada artigo contém uma riqueza de ideias impossível de conter num simples rótulo.

Anna Veronica não dá receitas. Não diz como nem quando. Ao contrário, trava com o leitor uma conversa franca em que não faltam puxões de orelha. O objetivo é despertar a consciência para discutir com seriedade a educação que se pratica em nossas escolas e em nossas famílias.

A tecnologia vai suplantar a aptidão física? Em que medida a escola de hoje, mais “moderna”, é melhor que a de ontem, mais humana? Em tempos de politicamente correto e das lutas por inclusão, é possível trabalhar a

diversidade nas instituições escolares? Se aprender tabuada é chato, conseguiremos formar cidadãos capazes de cuidar das próprias finanças? A autoridade em classe é mesmo uma ameaça? Estamos preparados para acolher a infância em todas as suas nuances ou preferimos delegar a tarefa a qualquer um que se proponha a nos tirar esse “fardo” dos ombros? Essas são algumas das perguntas que a autora lança para os leitores.

Porém, ainda que não haja respostas prontas para todas essas questões, reza a cartilha dos editores que uma coletânea de artigos tenha algum tipo de fio condutor – e certamente Anna Veronica aprovaria isso. Assim, esta obra está organizada em sete grandes seções: “A escola hoje”, “O papel do professor”, “Corpo e sociedade”, “Família e escola”, “Informação, tecnologia e comunicação”, “Infância e adolescência” e “Depois da escola”. O leitor perceberá que essa divisão é por vezes arbitrária, visto que os temas com frequência se misturam num mesmo artigo – o que por sua vez enriquece a leitura.

Destinado a pais e professores, este livro pretende ser a pulga atrás da orelha de cada leitor. Seu objetivo maior é ampliar a discussão acerca de como estamos educando nossas crianças e de que tipo de ser humano desejamos formar. Esperamos que os textos aqui reunidos cumpram esse objetivo.

A editora

A escola hoje

Bullying – A revolta dos injustiçados

É muito difícil tolerar o ser humano igual a mim, que tem todas as facilidades e limitações que eu tenho e não faz o esforço que eu acho que faço para vencer dificuldades – me refiro à dificuldade de conviver em grupo.

Esforço para quê? Aí é que está o xis da questão. Para manter os grupos sociais dentro de certa harmonia e conforto psicológico, dependendo da idade de cada um de nós, é exigido um rol de comportamentos que mantém o equilíbrio das relações interpessoais, permitindo a coesão do grupo. Se cada um de nós fizesse o que quiser, na hora em que tem vontade, as tarefas coletivas tornar-se-iam impossíveis. Se numa sala de aula não for mantida certa tranquilidade, a aprendizagem fica difícil.

A finalidade de os alunos estarem reunidos em torno de um mestre é que cada um receba um tanto de conhecimentos novos. A presença de uma ou mais pessoas impedindo a aprendizagem atrai a atenção do gru-

po. Esse que quebra a rotina é um herói, um líder ou um “chato”. Se a maioria quer aprender e o que diverge não percebe sua inadequação, ele é chato. Se ele é o único que tem coragem de expressar o descontentamento de todos, é herói. O chato a gente zoa, ridiculariza, maltrata. Já o outro é admirado.

A criança que atrapalha, não se manca, torna-se objeto da maldade dos outros. Se ela não consegue se conter, será reprimida pelos outros e sofrerá.

É importante notar que não se faz maldade, não se faz *bullying* com o verdadeiramente deficiente. O maneta, o pernetá, o cego, o surdo não são zoados pelos colegas.

As crianças são cruéis, de fato elas podem ser. Mas o são apenas diante do que sentem (pode até não ser de verdade), que é a falta de esforço do outro. Todo mundo, todas as crianças usam a tal da força de vontade para conter certos comportamentos que não se ajustam ao momento. Os que não fazem esse esforço fazem os outros se sentirem injustiçados.

Esse sentimento de ser injustiçado que o “malvado” tem é um dos ingredientes das maldades que são feitas com os menos dotados ou os que não mostram suficiente força de vontade.

É uma reação a uma percepção de injustiça que estaria ocorrendo no grupo.